

A vitória das moscas

Olha-se e é assim, vistos de fora, na estrada atulhada de carros e gente: barracas com latas de cerveja, garrações de vinho, refrigerantes, capulanas, livros escolares, pastas, calças, camisas, «t-shirts», arroz, açúcar, feijão, aparelhagens de alta fidelidade, electrodomésticos, mobiliário, droga da leve e da pesada, sugestões de amor fácil.

N. 2/3/93

Se estivéssemos em Lagos ou Kampala ou em qualquer outra capital sul-americana, ou de muitos países asiáticos, seria o mesmo. Coisas muito próprias de um tempo do género humana.

A esta espécie a que pertencemos e que existe, neste detalhe, na, dizem, velha Europa, quando ninguém sabe da maioridade ou menoridade dos continentes nem, coitados de nós, dos falecidos continentes que os oceanos constroem e destroem a reboque da força telúrica, perpassando nos tempos históricos.

Mas, na tal velha Europa, sob o olhar ditocrático da CEE, chamam-lhe contrabando ou mercado negro. O que não sendo a mesma coisa, basta espremer um pouco a fruta e, amigos, o sumo é o mesmo.

Entra-se calmamente, vendo bem onde se põe cada pé do sapato: aí, o «tchunga-moyo» do Goto, na Beira à beira de tudo, incluso da ruína (apesar das, dizem também, mamudas tatas do Beira Corridor), esse «tchunga» provisório, cansado de esperar pelo grande «tchunga-moyo» legal do Maquinino, em cimento, em concreto, pintado e benzido, onde o director de empresa e os seus chefes maiores daqui a pouco virão espreitar, de «Mercedes» made in Germany e não roubado na Suázi ou no John, a prodigiosa máquina do vale-tudo mansamente democrático, aí, dizíamos, começa um outro filme. Um filme que não se condói com a nossa mania de que nada nos faz espantar, de que tudo é possível. O impossível, aqui, deixou de existir.

É que a merda espande o que nós somos e, amigos, nós somos esse vocábulo. E desse estigma que é nosso

ou é o tudo o que somos e permitimos, levanta, segundo a segundo, esquadrilhas organizadas de milhões de moscas que estão, a pouco e pouco, obtendo vitórias no terreno onde nenhum partido emergente conseguiu, tão pouco o que está no poder.

Se se fizer um livro de ficção sobre animais, com novas premonições e avisos sérios, será sobre as moscas. O seu imenso poder, a sua supremacia sobre a inteligência nula dos humanos. É assim que elas poisam nos pratos, nos copos, na carne de caça exposta, na carne dos cabritos mortos, ali mesmo, às dezenas por dia.

Imundície, moscas, ignorância, cegueira, imbecilidade, dá o quê?

A epidemia. Como a cólera e a diarreia com sangue, ambas epidémicas e para ficarem, durando muito. Que atingiram já as pessoas ditas privilegiadas e vão fazendo luto sem olhar às contas bancárias.

O «help» da Saúde de nada valeu, todos, viram, todos vêem. Quem vai enfrentar, emboscado ou mostrando o rosto, um exército tão numeroso de cegos cujo crescimento apical facilita a respiração radicular dos grandes interesses multinacionais?

É isso, prezados drs. Avertino Barreto e Francisco Songane: desde os imemoriais tempos se diz que há poderes mais ignorantes do que outros, quer na teoria, quer na prática desse mesmo poder. Daí que, como muitos leitores sabem bem o conceito «Saúde para todos» ou «Cortar o mal na raiz», nada diz a um punhado de malandros que por aqui andam, paus mandados ou paus que ninguém quer atirar para o caixote da ausência, do nada que, humanamente, rasamente, é zero.

A saúde, escrevem, é um estado de

completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade e, além do mais, escrevem ainda, «Saúde para todos» significa que é preciso, objectivamente, considerar a saúde como uma etapa que é intrínseca do desenvolvimento económico..

E isso passa, como exigência, pela alfabetização de todos, por forma a permitir que cada um compreenda o que é isso de saúde.

Tudo com assento na cadeira bem larga e cómoda do progresso, e no domínio dos cuidados médicos e da saúde pública, do respirar saudável de toda a comunidade.

DOCS, parceiros deste trabalho, vocês disseram-me e eu acredito, acreditamos: isoladamente, os cuidados médicos não podem trazer saúde aos indivíduos que sofrem fome ou vivem em meios insalubres ou, mais grave ainda, fabricam a doença, a morte, em cada gesto, às vezes ignorante e cego, do seu quotidiano violento da sobrevivência a todo o custo.

Saúde: formai um exército de guerreiros sábios e que, por isso mesmo, cheios de humildade e paciente tolerância, vá obtendo pequenas vitórias diárias bem localizadas. Na comunidade. Na maioria.

Democraticamente, caminharão a longa distância dos discursos circunstanciais. Se houver sucessos, será algumas vezes com soluções duras como cobrindo de estерco os que para a merda mandam os outros viver.

Que peso tem um presidente camarário e os seus chefes ou acólitos comparado com uma criança ou uma mulher?

Não lhes passeis cartão de sanidade, que nem isso merecem. Dai-lhes um mata-moscas, uma vassoura, uma pá para abrir valas. Ou arranjai-lhes um emprego numa empresa de pulverização.